

FERNANDO LANHAS, 1943-1994, NA QUADRADO AZUL

O PINTOR, OS SONHOS, A MÁSCARA E AS OBRAS DELE

"CONTEI A ESSAS PESSOAS E PERGUNTEI SE NÃO QUERIAM ESPERAR MAIS PELA NOITE, PARA VEREM AQUELA LUZ. DISSERAM LOGO QUE TINHAM MUITO INTERESSE EM VER AQUELA MISTERIOSA LUZ, MAS FORAM-SE TODOS EMBORA." RETIRADO DA PARTE FINAL DE UM SONHO DE 1992 DE FERNANDO LANHAS, O TEXTO AQUI REPRODUZIDO MOSTRA, DE ALGUMA FORMA, UMA DESILUSÃO DO ARTISTA COM OS OUTROS, OS HOMENS DE QUEM SEMPRE SE PROCUROU PROTEGER NA SUA "AVENTURA DE CONHECIMENTO". UMA PARTE DESSE PERCURSO PODE SER ACTUALMENTE OBSERVADA NUMA MOSTRA PATENTE ATÉ 10 DE DEZEMBRO NA GALERIA PORTUENSE QUADRADO AZUL. AÍ SÃO MOSTRADOS, NUMA MONTAGEM SÓBRIA, ÓLEOS E DESENHOS REALIZADOS ENTRE 1943 E O PRESENTE ANO. A EXPOSIÇÃO FOI IGUALMENTE O PRETEXTO PARA O LANÇAMENTO, NO PASSADO SÁBADO, DE "LANHAS", PRIMEIRO VOLUME DE UMA NOVA COLEÇÃO EDITADA PELO SECTOR DE EDIÇÕES DA GALERIA. O LIVRO INCLUI TEXTOS DE FERNANDO GUEDES, JOÃO PINHARANDA E BERNARDO PINTO DE ALMEIDA E DO PRÓPRIO LANHAS. ESTE, NA ENTREVISTA CONCEDIDA AO PÚBLICO, ASSINALA QUE A ARTE ABSTRACTA É "PERFEITAMENTE ÍNTIMA".

ÓSCAR FARIA (texto)
ADELINO MEIRELES (foto)

No passado sábado foi inaugurada, na Galeria Quadrado Azul, uma exposição de trabalhos de Fernando Lanhas, o primeiro abstracionista português consequente. A mostra, que pode ser vista até ao próximo dia 10 de Dezembro, reúne um conjunto de obras com início no figurativo "Meninas e Barco" (1943) até à mais recente abstracção: "067-94".

Cinquenta anos de um percurso numa entrevista por vezes enigmática, onde se fala de sonhos, levitações, de um "pacote especial", da natureza e da arte. Uma conversa em que o pintor-arquitecto afirma que o pior que pode acontecer ao homem é ser artista.

PÚBLICO — O seu percurso como pintor iniciou-se no grupo dos Independentes, de que foi um dos fundadores. Como surgiu este colectivo de artistas?

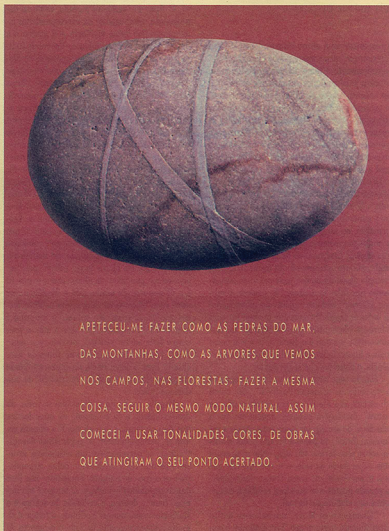
FERNANDO LANHAS — Surgiu tal como aconteceu a arte. A actividade artística nasceu, suponhamos, há 20 mil anos, quando um homem notou um traço numa pedra — ou provocado ou acidental — e fez, depois, outro igual à distância de um dedo. Depois, fez outro, e aquela pedra ficou com três sulcos. Ele olhou essa pedra e achou-lhe interesse. Depois, fez mais alguma coisa: havia carvões, rochas de cor, moluscos, bagas, e ele começou a fazer coisas com a cor proveniente desses animais, plantas e minerais. Depois até fez coisas nórdicas em Espanha, em Alamiira, até cá, há 17 mil anos também pintou a cor, no Escoural. Um dia, essa pintura, essas cores, esses sulcos gravados começaram a mostrar-se úteis, mas úteis de outro modo, porque o homem esperto já era, mas precisava de ser mais ainda.

P. — A pintura "01-43-44" é apontada como a primeira obra do abstracionismo geométrico português. De que forma tomou contacto com o abstracionismo?

R. — Como todos sabem, não tirei um curso de pintura. Tive arquitetura com uma consciência perfeita do curso. Nunca tentei desviar-me ou mudar de rumo. Estava perfeitamente certo. No entanto, uma altura houve em que fui chamado a colaborar com artistas. Sentia-me perfeitamente à vontade para dar uma simples colaboração. Assim aconteceu. Depois — e agora é que fará uma referência ao grupo dos Independentes — pareceu-me que era preciso continuar. Disse: é preciso fazer. Todos os meus queridos amigos e colegas o queriam também, mas era preciso fazer mesmo. E continuei. Talvez, então, aí, tenha a minha quota-parte. Isto quanto aos Independentes. Claro que a tarefa não foi nada fácil. De 1944 a 1950, todos os anos tínhamos as nossas exposições.

"Vi, experimentei e desenhei"

P. — E a arte abstracta, como decidiu envolver por esse caminho?



APETECEU-ME FAZER COMO AS PEDRAS DO MAR, DAS MONTANHAS, COMO AS ÁRVORES QUE VEMOS NOS CAMPOS, NAS FLORESTAS; FAZER A MESMA COISA, SEGUIR O MESMO MODO NATURAL ASSIM COMECEI A USAR TONALIDADES, CORES, DE OBRAS QUE ATINGIRAM O SEU PONTO ACERTADO.

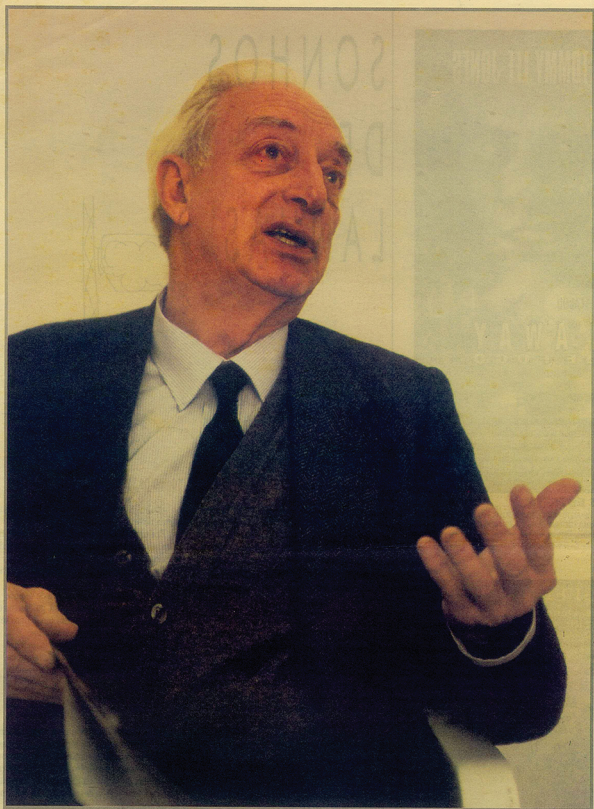
R. — Quanto exactamente à arte abstracta, nunca se pode explicar muito bem como é que as coisas sucederam. Não tinha, nessa altura, um grande conhecimento do que se passava lá fora. Nessa altura havia guerra. Não tínhamos facilidades nenhuma, nem nos era autorizado, inclusivamente, sair do país. Notei qualquer coisa que andava no ar. As vezes penso um pouco, como num esquema, que as coisas andavam um palmo acima de nós e foi isso que fiz por captar. Vi, experimentei e desenhei composições não figurativas, perfeitamente abstractas. Não eram geométricas. Era antes uma arte que não tinha desenho entre nós. Estou a falar em 1943, quando desenhei o meu primeiro quadro, que depois pintei em 1944. A princípio utilizei a música, que me impressionava e, como tal, retratou-a de uma forma abstracta. Em mim, a arte começou assim, por imaginação, sem qualquer compromisso de ordem alguma. Inventava a composição, não tinha nada a ver com alguma coisa que tivesse visto.

P. — "01-43-44" pode ser olhado como uma continuidade lógica, uma depuração, do figurativo "Cais", pintado em 1947?

R. — Não sei se cada um dos artistas nasce com um desenho. Talvez. As coisas de Mondrian, de Van Gogh, de Theo van Doesburg, de Kandinsky parecem-me as mesmas ao longo da vida deles. De uma forma muito subtil, vejo o mesmo, porque há um espírito, um desejo, que permanece. O artista nasce de uma maneira, o seu convívio com os outros não o altera totalmente, apenas há e impõe uma maior facilidade de mostrar as coisas, mas o conteúdo é mais íntimo — isto seria mais próprio ser dito por um filósofo da arte, que é uma coisa que não sei se existe tal como a entendo. Mas isto há-de acontecer, se não for feito por nós é elaborado por aparelhos...

P. — Qual a necessidade de pintar pedras?

R. — A primeira pedra que pintei foi em 1944. Não a tenho, perdeu-se. Pintei, numa segunda



vez, uns paralelepípedos dos arruamentos, porque aí apetecia-me pintar em pedras com uma delimitação exacta. Também desapareceram. A terceira pedra que pintei foi em 1949. As pedras sempre tiveram para mim um grande encantamento: tinha 12, 13 anos e já fazia colecção de seixos, cascalhos rolados, colecção na os pelo tamanho, pela cor e pela forma. Em 1949, fiz mais duas pinturas em calhaus perfisados, que me despertaram o interesse por qualquer razão. Não lhes acrescentei nada, porque eles já estavam certos, mas apetecia-me estar presente nessas pedras. E mesmo assim, estive presente nessas pedras. É muitíssimo difícil pintar um calhaus! Nós pomos-lhe alguma coisa... mas pôr o quê? É horrível, porque a gente não sabe nunca o que acrescentar. De cento de calhaus que fiz até hoje, tenho quatro, cinco que estão dignos, os outros a gente não os abandona porque parece que não o devemos fazer. Os que estão bem, tenho a certeza que o estão. Mas, saber como se fazem, não há génio possível...

P. — Aplica muitas vezes o pó resultante de pedras por si moídas nas pinturas que executa...

R. — Em certo momento — não posso dizer que tenha sido desde a primeira obra que pensei assim —, apeteceu-me fazer com as pedras do mar, das montanhas, como as árvores que vemos nos campos, nas florestas; fazer a mesma coisa, seguir o mesmo modo natural. Assim comecei a usar tonalidades, cores, de obras que atingiram o seu ponto acertado. Aplicar cores que já estão certas naturalmente. As cores dos seixos estão queimadas, oxidadas, batidas pelo mar, pela areia, pelo seu movimento de vaivém. Esse desgaste seduz-me, interessa-me, porque é autêntico, verdadeiro.

“A natureza não erro”

P. — A natureza é abstracta?

R. — É curioso como se pode fazer uma

pergunta tão difícil. A arte abstracta é uma arte perfeitamente íntima. É uma arte que não anda pelo lado de fora. A natureza não tem nada que ver com compromissos. A natureza segue uma linha natural sobre a qual não entendemos absolutamente nada. A natureza não erra, mesmo aqueles fenómenos que parecem errados não foi ela que os fez. Houve acontecimentos exteriores que estragaram, demoliram o fenómeno natural tal como ele seguia. Veja-se, por exemplo, animais que existiram há 500 milhões de anos, como as trilobites, que desapareceram. E viveram 200 ou 300 milhões de anos. Sossogadamente. Um dia foram condenadas a desaparecer. Nós estamos aqui há três milhões de anos ou um milhão de anos ou 35 mil anos, conforme se defina o homem. Com o tempo acontecem coisas francamente inacreditáveis ou então não é o tempo. E, se não é o tempo, já não sei.

P. — Concordo com o facto de as suas

obras possuírem uma faceta naturalista, uma característica que não deve ser confundida com o movimento histórico do mesmo nome?

R. — São absolutamente naturais... Naturalistas? Pois são, porque faço as coisas rigorosamente como sou aconselhado por mim. Como sou uma pessoa julgo que só no pensamento e na arte, essas coisas são uma consequência dessa evidência, desse modo natural como elas devem ser. O que muitas vezes não sei é onde é que elas estão. Ai encontra-se o meu grande drama, mas é um drama autêntico! É que eu não sei onde procurar as coisas, não sei como elas são. Não conheço ninguém com mais dificuldade do que eu em fazer coisas. Fazer o quê? Não quero inventar, não faço nada à toa. Não sei onde buscar, porque se fazemos um retrato, uma representação, isso é outra coisa. O homem sabe muito pouco de si. Temos uma acumulação de saber formidável, o que mais temos é saber e do que mais sofremos é da ignorância.

“A máscara é uma coisa muito séria”

P. — Por isso diz que os seus trabalhos possuem algo de místico?

R. — Místicos, porque se mantêm aquela desconfiança de não saber de onde parto. Há, também, um modo de querer representar, quase como uma saudação a esse mundo que não entendo, que não está longe, que está dentro de nós, de cada um que, porventura, seja absolutamente, que é o pior que pode acontecer aos homens.

P. — Gostava que falasse, agora, sobre os seus sonhos de levitação...

R. — Um sonho de levitação é, de certo modo, um sonho como outro qualquer; ele parece-se com uma evasão, não sei muito disso, não é da minha área. Quando tive o meu primeiro sonho de levitação contava 34 anos, embora tenha sonhos registados desde os cinco anos. Sonhar que se sai do mundo, que se sai da terra, que se eleva no ar, é qualquer coisa... Não sei o que é que possa ser... É qual quer coisa de quê? De afastamento? De conquistado? Não sei. A princípio custou-me imenso fazer a levitação, elevar-me no ar. Ficava exausto. Então, comecei a erguer-me, foi uma autêntica aprendizagem. Um dia houve em que quis mesmo levantar. Acordei, sentei-me na cama e experimentei erguer-me. De certo que isso não aconteceu, mas fiz essa tentativa perfeitamente acordado. Esta confusão da realidade e do sonho, afinal, tem-se mantido continuamente.

P. — Quando surgiu a ideia de construir uma máscara que o protegesse do exterior?

R. — Tal como acontece em todos os sonhos, eles aparecem quase de surpresa. Sonhei que queria trabalhar e que era incomodado no meu trabalho. A verdade é que isso corta o pensamento, ficamos prejudicados. Valha-nos Deus, nós não podemos estar sempre a ser cortados na nossa meditação, naquilo que queremos saber muito. Um telefone, um recado, o bater à porta, isso perturba-nos. Tudo somado, levou-me — a gente não sabe como acontecem as coisas — a um dia sonhar com um capacete especial que me defendia de tudo quanto havia de fora, dos homens, que são os primeiros a perturbarem-nos. Arranjei, assim, em sonho, um capacete, uma máscara que me defendia de todo o exterior. Essa máscara desenhiei-a logo no dia em que o sonho me aconteceu e, um ano ou dois depois, deu-me para a construir em cartão. Realizá-la não foi problema nenhum.

P. — Chegou a utilizá-la?

R. — Esse é utilizado, agora, teve gosto... Nem sequer a ponho. Nunca ninguém me tirou uma fotografia com a máscara, não gosto de coisa dessa. É uma coisa muito séria. Não se inventa.